

AFIGURADA MATRONA NO DRAMA ANTIGO: ESTUDO INICIAL SOBRE A PEÇA *HECYRA* (A SOGRA) DE TERÊNCIO

Aline da Silva LAZARO

IEL-Unicamp¹

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

Resumo do trabalho: O presente trabalho apresenta uma primeira etapa do estudo sobre a peça *Hecyra* (“A Sogra”) de Terêncio. Nesta fase, chamam-nos atenção as seguintes temáticas: o conflito entre sogras e noras, a violência sexual, a misoginia e a submissão da mulher ao seu esposo. Tais aspectos nos direcionam a uma análise da personagem que dá título à obra, a sogra (de nome Sóstrata). A fim de se compreender o papel que a figura cômica da *matrona* desempenha nesta comédia, observa-se a fala e o comportamento da personagem, sua relação com outras no decorrer da trama, bem como aspectos dessa comédia terenciana que diferem dos dramas conhecidos do repertório da Comédia Nova greco-romana, ou que a eles se assemelham.

Palavras-chave: Literatura latina; Comédia Nova; Terêncio; *Hecyra*; *matrona*; sogra.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade investigar a peça *Hecyra* (normalmente traduzida como “A Sogra”) de Terêncio (*P. Terenti* 185-159 a.C.) representada no ano de 160 antes de Cristo.

O principal objetivo da pesquisa é observar a fala e o comportamento das personagens no decorrer da peça, sobretudo a personagem feminina a que se refere o título da obra, a sogra Sóstrata. Visa-se com isso encontrar semelhanças, bem como discrepâncias na caracterização das personagens dessa comédia com relação às de outros dramas do repertório da comédia nova (*Néa*) greco-romana.

Para tanto, consideramos um pouco mais de perto o papel que a referida *matrona* desenvolve nessa peça terenciana, bem como sua relação com a nora. Visa-se, assim, tentar compreender melhor como se apresenta em Terêncio o conflito entre esses tipos sociais que Sóstrata e a nora personificam.

A investigação visa também possibilitar o apontamento de características fundamentais à Comédia Nova presentes nessa obra de Terêncio, assim como pontos de divergência com a tradição própria ao referido gênero cômico.

¹ Estudo desenvolvido no âmbito da disciplina HL 904 – Investigação Científica I, ministrado pela orientadora deste projeto. Agradecemos a Carol Martins da Rocha, debatedora do trabalho no Sepeg, pelas suas valiosas contribuições.

O presente artigo é baseado em estudos sobre a Comédia Nova, entre eles os de Conte (Conte 1987), Duckworth (Duckworth, 1994), Hunter (Hunter, 1989), e do autor da tradução que, provisoriamente, foi adotada nesse primeiro trabalho, Walter de Medeiros (Medeiros, 1994). Passemos, pois, à comédia em apreço.

Hecyra é uma peça que, segundo informações apresentadas no prólogo - e reafirmadas no estudo de Conte (Conte 1987, p. 95) -, foi pouco reconhecida no período em que foi representada pela primeira vez:

*Hecyra est huic nomen fabulae. Haec cum data
Nouast, nouum interuient uitiū et calamitas
Vt neque spectari neque cognosci potuerit,
Ita populus studio stupidus in funambulo
Animum occuparat. Nunc haec planest pro noua,
Et is qui scripsit hanc ob eam rem noluit
Iterum referre ut iterum possit uendere.
Alias cognostis eius; quaeso hanc noscite. (v.1- 8)*

“A *Sogra* é o título desta comédia.

Quando foi representada – e era inédita –, inédito foi o vexame que se verificou, um autêntico fracasso de tal ordem que não foi possível ver nem apreciar a peça. O povo, possesso da sua paixão, só tinha olhos e ouvidos para um equilibrista. Agora esta comédia aparece como se fora integralmente inédita: mas quem a escreveu não quis – por este fato- apresentá-la de novo, para de novo poder vendê-la. Outras comédias apreciaram já do mesmo autor: queiram apreciar também a presente.”
(Tradução: Walter de Medeiros, 1994, p.22)

Há estudos, como o de Parker, que propõem relativizar as informações do prólogo, avaliando com ceticismo a questão do fracasso de Terêncio e a superioridade de Plauto. Tais pontos de vista ainda serão analisados e considerados proximamente².

Portanto, se nos fiarmos nas palavras do Prólogo, é preciso acreditar que a comédia *A Sogra* obteve pouca receptividade em sua estréia no século II a.C.. No entanto, a peça contém uma temática que se mantém atual e presente no cotidiano das famílias de hoje em dia. É justamente dessa temática e do conflito entre sogras e noras, conflito esse presente na humanidade desde há muitas gerações, que trataremos brevemente no texto que segue.

Para proceder a nossa investigação, primeiro, apresentaremos um resumo da trama, a seguir um texto sobre a obra contendo uma leitura um pouco mais detalhada, dividida em dois subtítulos, a saber: um sobre o escravo Parmenão, outro sobre a sogra Sóstrata.

2. Resumo da trama

Conta-se a história de um velho Laques (*Laches*) que, tendo passado dos sessenta anos, decide que é o momento de casar seu único filho Pânfilo (*Pamphilus*) (v.118-120). Escolhe para tanto uma boa moça de uma família amiga, chamada Filúmena (*Philumena*) filha dos vizinhos Fidipo (*Phidippus*) e Mírrina (*Myrrhina*). Contudo, o jovem Pânfilo está

¹ Ver: Parker, H. N. “Plautus vs. Terence: Audience and Popularity Re-Examined”. *The American Journal of Philology*, Vol. 117, No. 4, Winter, 1996, pp. 585-617.

apaixonado por Báquis (*Bachis*), uma prostituta, e resiste ao casamento que o pai lhe impõe; até o momento em que, não tendo mais condições de opor-se à vontade deste, cede e se casa com a jovem de boa família³ (v.123-125).

Casado, porém, o jovem se nega a dormir com sua esposa, porquanto ainda ama a prostituta (v.136-143). Passado um tempo Pânfilo, acaba por render-se à estabilidade e segurança conjugal e se apaixona por sua mulher (v.164-169). Mal tem estabelecido seu romance, quando um parente distante morre. O velho Laques, que era seu único herdeiro legítimo, ordena que o filho vá até as terras onde o parente morava para receber os haveres do falecido. Ele vai e deixa a esposa em casa com a mãe, ou seja, a esposa de Laques (v.172-174).

Enquanto Pânfilo está ausente, Filúmena, sem se saber por que motivo, se aborrece da sogra Sóstrata e começa a esquivar-se dela (v.179-181). Tamanho é o aborrecimento da moça que ela decide voltar à casa de seus pais, sem dar explicações acerca do motivo de sua partida (v.183-186). Desde então a esposa de Pânfilo sequer aceita receber as visitas de sua sogra. A razão de tamanho radicalismo é ignorada, fala-se apenas que foi acometida por uma febre (v. 188-191).

Laques, assim que sabe do acontecido, não hesita por nenhum momento em culpar do ocorrido a esposa Sóstrata, julgando-a e despejando sobre si a sua fúria (v.198-204). A pobre Sóstrata nem sequer pode defender-se de tantas ofensas, ainda que na realidade seja absolutamente inocente, conforme nos informa o escravo Parmenão (*Parmeno*) no verso 180:

*“Neque lites ullae inter eas, postulatio
Nunquam”.* (v.180)

“... e nunca houve desavenças entre elas, nem discussão – nunca”.

Tal inocência, como sublinharemos, se confirma no decorrer da trama.

Em meio ao turbilhão, o marido regressa a casa e, tão logo chega, seu escravo Parmenão já trata de relatar-lhe tudo quanto havia acontecido em sua ausência (v.285-290).

A possível desavença entre mãe e esposa, bem como a doença desta o perturbam, e o fazem lamentar enormemente sua sorte (v.281-286). No entanto, ao entrar na casa do sogro, Pânfilo se depara com uma desgraça ainda maior. A esposa acaba de dar à luz a uma criança e, sabia-o bem o rapaz, o filho não poderia ser seu (v.284). Vendo-o sair da casa desolado, Mírrina, a mãe da garota, corre em sua direção e implora-lhe que tenha piedade da filha: esta havia sido violentada à noite por um desconhecido e o violador lhe havia arrancado um anel do dedo, tal como se veio a saber mais tarde (v.829). Pânfilo, como amava a esposa, aceita guardar o segredo do restante da família em nome da honra de Filúmena, no entanto nega-se a aceitá-la de volta (v.403-405).

Porém, como poderia o jovem explicar a recusa de sua mulher sem delatar o segredo? O jeito foi manter a desconfiança de que houvera uma desavença entre a esposa e a sogra e, por conta disso, ele, como um bom filho que era, deveria tomar o partido da mãe e rejeitar a mulher (v.446). Desta forma, Sóstrata continua a ser humilhada e mal compreendida, embora inocente (v.576).

³ Para os nomes próprios, adotamos a forma portuguesa utilizada por Walter de Medeiros em sua tradução para os termos latinos *Laches*, *Phidippus*, *Panphilus*, *Myrrhina*, *Sostrata*, *Bacchis*, *Philumena*, *Parmeno* (ver Terêncio, *Hecyra*, *A Sogra*. Tradução de Walter de Medeiros. Brasília, DF: UnB, 1ª edição 1993, edição consultada 1994).

Pouco tempo depois, Fidipo, sogro de Pânfilo e Laques, descobrem a criança e alegam-se, pois acreditam que esta é fruto legítimo do casamento entre seus filhos (v.640): então agora obrigavam Pânfilo a criar o filho (v.654).

Quando o jovem não tem mais esperança de encontrar a solução para seu drama, surge Baquis para salvá-lo. Ela decide ir conversar com a esposa, cuja mãe, Mírrina, reconhece⁴ o anel da filha no dedo da prostituta (v.813). O anel que havia sido roubado na noite do estupro fora entregue à Báquis por Pânfilo, logo se descobre tudo: este mesmo havia violentado a própria esposa há nove meses. Sabendo disso, o marido tratou logo de reconciliar-se com a esposa, e a esta foi restituída sua honra além de reconhecida a legitimidade da criança que havia parido.

3. Impressões

Hecyra é uma peça que, a um leitor moderno, tende a se mostrar de particular interesse, em particular devido a um estranhamento decorrente de uma primeira leitura da obra. Um dos motivos para o estranhamento é a temática da violência sexual, que é pouco recorrente em comédias modernas. Outro é a questão da misoginia. Ambos são tema de desconforto para o público moderno, mas talvez não fosse da mesma forma para os antigos. Por exemplo, talvez a forma como tais questões aparecem na peça pudesse resultar à platéia de então como uma brincadeira com convencoes.

Apesar de o estupro e de o repúdio à mulher serem temas presentes na comédia nova grega e romana⁵, pode ocorrer que, ao leitor sem familiaridade com tal gênero cômico, esses assuntos façam com que a trama tenha um caráter pesado e tenso, ainda que haja o *happy end*⁶. Poder-se-ia se pensar que este peso dessa trama seja um dos motivos pelos quais a comédia, a se acreditar no seu próprio prólogo, não tenha sido bem recebida pelos espectadores de sua época⁷? Essa é uma questão impossível de se responder com segurança.

Mas se pode afirmar, pensando ainda na reação do público romano, que outro dos aspectos que mais chamam atenção nesta obra de Terêncio é a peculiaridade dos personagens. Isso porque, como estudiosos já apontaram, cada um daqueles na peça terenciana foge ao padrão da comédia greco-latina em vários aspectos. Vejamos alguns exemplos, segundo os tipos do repertório desse gênero dramático em que a obra de Terêncio se insere.

⁴ Aqui temos um recurso que na épica e no drama antigos era chamado em grego de *anagnorisis*, (“reconhecimento” em português).

⁵ A exemplo disso temos a peça *Aulularia* de Plauto, bem como algumas peças de Menandro, como *Epitrepontes*, entre outras. Sobre o assunto da violência sexual na Comédia nova greco-romana, cf. Rosinvaich, *When a young man falls in love: the sexual exploitation of women in New Comedy*, London and New York: Routledge, 1998.

⁶ Sobre a questão do final feliz nas comédias da Néa ver Hunter, op. cit., e Duckworth, op. cit.. Ainda vamos pesquisar mais profundamente este e outros também convencionais nesse tipo de drama antigo, entre os quais o que lembra romance moderno, como o reconhecimento por meio do anel, presente na peça. Sobre a comédia nova e o romance moderno, cf. Grimal. *O teatro antigo*

⁷ Tal questão da recepção negativa da peça pelo público é lembrada por Conte na obra *Latin Literature: A History* (Conte, 1987) bem como por Walter de Medeiros em sua introdução à tradução da obra. (Medeiros, 1993, pp.9-17), mas é questionada por H Parker, “Plautus vs. Terence: Audience and Popularity Re-Examined”, *American Journal of Philology* - Volume 117, Number 4 (Whole Number 468), Winter 1996, pp. 585-617, cujos argumentos ainda serão por nós analisados com mais detalhe.

3.1. Seruus: Parmenão e os escravos cômicos

O escravo *Parmenão*, nesta peça assume o papel de um tolo, estúpido, ao passo que um escravo que, como ele, se coloca mais próximo ao jovem dono apaixonado é, em boa parte das comédias latinas, astuto (*astutus*), “enganador”, “esperto” (*callidus*), reconhecido por sua espreteza e astúcia, que se sobressai à de seu senhor.⁸

Em outras palavras, como auxiliar dos jovens apaixonados normalmente se tem um *seruus callidus*, que é caracterizado por ser esperto e um excelente trapaceiro. Os senhores desses escravos normalmente são ingênuos e, para obter o dinheiro necessário aos custos de seu amor, necessitam de conselhos e ajuda do escravo, cuja armação é quase sempre bem sucedida (Duckworth, 1994, p.251). É verdade que há outras comédias, como algumas de Plauto, por exemplo, em que o escravo amigo do dono é tolo, mas com freqüência nelas um outro personagem assume o papel do *callidus*: é o caso dos velhos em *Trinumo* e do deus Mercúrio em *Anfitrião*. Duckworth (1994, p.249), em seu capítulo sobre personagens da comédia romana, afirma que as funções do escravo cômico são duas: provocar humor e ajudar nas armações e enganações presentes na trama.

Como ainda Duckworth aponta (1994, pp.249-253), em Terêncio há uma peculiaridade no tratamento do personagem do escravo: é mais comum que alguns *serui* não sejam enganadores, nem elaborem planos para auxiliar seus senhores. É, como ele lembra, o caso dos escravos nas peças *Eunuchus* e *Hecyra*. (1994, p. 250) Os escravos dessas comédias, que têm ambos o mesmo nome *Parmenão*, não são, como lembra o estudioso, o típico *callidus*. (p.251). Em *Eunuchus*, *Parmenão* não realiza qualquer trapaça, mas tenta aconselhar seu senhor: no entanto, seus conselhos são todos mal sucedidos. (pp. 251-252)

Para o estudioso, em *Hecyra*, *Parmenão* é unicamente utilizado com o propósito de mera exposição do tipo cômico, já que, como dito, ele não elabora planos e *não* se vangloria, apesar de ser fofoqueiro e, como os demais escravos da comédia nova, muito falante.⁹

3.2. Sostrata entre as Matronae da comédia nova

Hecyra, como outras comédias grego-romanas, explora conflitos cotidianos de uma sociedade, como a discriminação da mulher. Na cena III do segundo ato é a própria *Sóstrata*, em seu monólogo, que afirma que:

“*Edepol ne nos sumus inique aequae omnes inuisae uiris*”. (v.274)

“O céu nos valha!...É bem verdade: nós todas, com igual injustiça somos malvistas dos nossos maridos”.

⁸ Cf. Duckworth (1994, pp.249-253)

⁹ “(...) in the *Hecyra* the slave is useful only for purposes of exposition; there is no deception, and *Parmeno*, sent upon one errand after another, never does find out the truth. This is unusual (...)” (Duckworth, 1994, p.251)

O tema da misoginia, embora também cause certo desconforto à primeira leitura, é mote para riso na comédia nova, e mesmo para a comédia de Aristófanes. Atualmente este também é um tema causador de riso, posto existirem, como é notório, inúmeras piadas sobre mulher que carregam um caráter misógino.

O que se faz novidade nesta peça (dentre as demais que se transmitiram da comédia nova, 21 de Plauto e 6 de Terêncio) é justamente o modo como se apresenta aquela que dá nome à obra: uma sogra assumindo um papel importante embora, nesse contexto, seja uma personagem marginalizada e recriminada.

Segundo Hunter, a relação entre homens e mulheres centraliza a temática das comédias da Néa, evidenciando, de certa forma, a posição da mulher em relação ao homem na sociedade greco-romana antiga (Hunter, 1989, p.83). O estudioso faz referência à misoginia (mas lembra que essa não raro é também ridicularizada) presente nas peças, sobretudo quando se faz referência à instituição do casamento (Hunter, 1989, p.84). É justamente o tema da misoginia que é explorado nessa peça com a figura de *Sóstrata*.¹⁰

Sóstrata é uma personagem paradigmática, que personifica um embate que atravessa gerações, o conflito entre sogras e noras. No entanto, *Hecyra* é a história de uma sogra boa, que faz de tudo pelo casamento do filho, que coloca a relação do filho com a esposa acima de seus próprios interesses.

Um indício de que a sogra tinha já na comédia nova greco-romana um estereótipo negativo (em suas relações com a nora) é o modo como ela é culpada pela partida da nora: embora ninguém tenha testemunhado a desavença, todos crêem que ela ocorreu. Isso podemos conferir nos versos 198-204, em que o marido Laques, o principal acusador de Sóstrata, despeja sua fúria sobre a esposa culpando-a pela partida da nora e interpretando a situação em termos desse mesmo estereótipo (a que se associa uma imagem negativa da mulher):

pro deum atque hominum fidem, quod hoc genus est! Quae haec est coniuratio!

Vitim omnes mulieres eadem aeque studeant nolintque omnia,

Neque declinatam quicquam ab aliarum ingenio ullam reperias!

Itaque adeo uno animo omnes socrus oderunt nurus.

Viris esse aduersas aeque studium est, similis pertinácia est,

In eodemque omnes mihi uidentur ludo doctae ad malitiam. Et

Ei ludo, si ullus est, magistratam hanc esse satis certo scio. (v.198-204)

“ Em nome dos deuses e dos homens! Mas que gênio é esse? E que conchavo?... Será possível que todas as mulheres tenham os mesmos caprichos e as mesmas embirrações - todas!... E não se encontre uma sequer que se afaste um pouco das outras em matéria de feito?...”

Por isso é que, de perfeito acordo, todas as sogras têm um asco danado às noras. Para fazerem pirraça aos maridos, e a mesma teimosia, igual casmurrice... Foi na mesma escola, parece-me a mim, que todas se doutrinarão para a malvadez. E nessa escola, se ela existe, esta fulana é a mestra, tenho certeza.”

¹⁰ “ The relationship between the sexes is central to the plot of many plays of the New Comedy, which thus forms a significant body of evidence for the position of women in antiquity” (Hunter, 1989, p.83)

Mas, logo que isso acontece, Sóstrata decide abrir mão de seu conforto, seus prazeres, para ir embora para o campo. Tal resolução ela explicita em sua fala a Pânfilo na cena II do quarto ato:

Ego rus arbituram hinc cum tuo me esse certo decreui patre,

Ne mea praesentia obstet neu causa ulla restet relicua

Quin tua Philumena ad te redeat. (v.586-588)

“Estou firmemente resolvida a sair daqui para o campo com seu pai - para que minha presença não crie embaraços e não subsista razão alguma que impeça o regresso da tua Filúmena a ti”.

Hunter, em seu capítulo sobre conflitos entre homens e mulheres, afirma que o fato de Laques imediatamente interpretar a situação levando em conta o estereótipo masculino sobre a mulher e estar completamente errado é motivo de riso para a comédia (1989,p.85); trata-se, de fato, de uma ironia dramática – às custas de Sóstrata.¹¹

Com o decorrer da trama, a sogra adquire provas a seu favor. Uma delas se mostra na fala do escravo Parmenão, no início da peça (v.180), em que ele afirma que ela é inocente; mas isso fica, sobretudo, evidente na própria resolução do drama, que esclarece os fatos, e, com isso, a inocência da personagem.

É difícil prever até que ponto Terêncio nesta obra joga com alguns aspectos que caracterizam a sociedade em questão, mas certamente e de alguma forma eles a norteariam¹².

Nesse sentido, é significativo que, em toda a trama a honra da família, as convenções sociais, o jogo das conveniências sobrepõem-se às relações humanas. Ao final da comédia, quando a confusão se resolve e é descoberta a legitimidade do filho de Filúmena, bem como restituída sua honra, Sóstrata já saiu de cena. Mas esta não participa da resolução, não tem a chance de se redimir, de reaver sua dignidade¹³.

Talvez possa se tomar como um indício de que *A Sogra* seria uma comédia diferente (inclusive das outras obras terencianas) um fato que lembra Walter de Medeiros na introdução à tradução da obra: “Cícero, que, ao longo das suas obras, cita peças de Terêncio umas setenta vezes, não cita *Hecyra* nenhuma vez. É um sintoma, pelo menos” (Medeiros, 1994, p.13).

Isso nos leva a pensar, pois, que *Hecyra* não deixa de lado certas características da comédia nova greco-latina como o romance entre dois jovens centralizando a trama, a presença de um pai autoritário, o final feliz¹⁴, bem como outros menos agradáveis, se tomados fora do contexto, como a misoginia e a violência sexual. Entretanto, ao que parece, a comédia insere uma discussão não tão recorrente, a presença de uma personagem incomum de uma figura materna estranha em seu próprio contexto, desconhecida por quem a cerca, não reconhecida pela sociedade.

¹¹ “ It is amusing that *Laches* immediately interprets the situation in terms of the stereotyped male view of women, and is completely wrong (...).”

¹² Cf. Konstan, David, “Hecyra: Ironic Comedy” in Idem, *Roman Comedy*, Londres: Cornell University Press, 1986.

¹³ O “desaparecimento” de personagens vai contra as expectativas do público moderno, mas é ocorre também em outras as comédias romanas, cf. quanto a outras *matronae*, I. T. Cardoso “*Matronae uirtuosae* no *Stichus* de Plauto” in *Revista Phaos nº 1*.

¹⁴ Conte fala sobre essas convenções na obra *Latin Literature: A History* (Conte 1987).

Referências Bibliográficas

Obras antigas:

TERENCIO, *A sogra*. Tradução de Walter de Medeiros. Brasília: UnB, Primeira edição 1993, (edição consultada 1994).

Bibliografia secundária:

CARDOSO, Isabella Tardin “*Matronae uirtuosae* no *Stichus* de Plauto” in *Revista Phaos nº 1*, 2001.

CONTE, Gian Biagio, “Terence” in IDEM, *Latin Literature: A History*, Londres: J. Hopkins University, 1994.

DUCKWORTH, George E., “Characters and Characterization” in IDEM, *The Nature of Roman Comedy*, University of Oklahoma Press: Norman; primeira edição: 1952, (edição consultada: 1994).

GRIMAL, Pierre, *O Teatro Antigo*. Lisboa: , Edições 70, 2002.

HUNTER, Richard L., “Themes and conflicts” in IDEM, *The new comedy of Greece and Rome*, Cambridge University Press, 1ª edição: 1985, edição consultada: 1989, pp.83-95.

KONSTAN, David, “Hecyra: Ironic Comedy” in IDEM, *Roman Comedy*, Londres: Cornell University Press, 1986.

PARKER, H. N. “Plautus vs. Terence: Audience and Popularity Re-Examined”. *The American Journal of Philology*, Vol. 117, No. 4, Winter, 1996, pp. 585-617.

ROSINVACH, *When a young man falls in love: the sexual exploitation of women in New Comedy*, London and New York: Routledge, 1998.